

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Alexandre Guilmant—Monographia do cornetim (conclusão) — Bellini—Notas vagas—Musica intima—Escola de musica de camara—Julio Caggiani —Concertos—Sextetto da Figueira da Foz—Audições musicas da casa Lambertini—Noticiario—Bibliographia—Expediente—Audições musicas.

ALEXANDRE GUILMANT

(NOTAS BIOGRAPHICAS)

Felix-Alexandre Guilmant nasceu em Boulogne-sur Mer a 12 de Março de 1837. Seu pae, que durante cincoenta annos exerceu o logar de organista na egreja de Saint-Nicolas d'aquella cidade, foi o seu primeiro professor, ensinando-lhe os principaes elementos musicas e educando-o no amor da Arte e no culto dos grandes classicos do órgão.

Aos 12 annos Guilmant começava os seus estudos de harmonia, contraponto e fuga com Gustave Corulli, discipulo de Paër, e tendo feito consideraveis progressos e manifestado o seu promettedor talento musical. era nomeado aos 16 annos organista na egreja de Saint Joseph. e, dois annos mais tarde, mestre de capella na de Saint-Nicolas, onde fazia executar a sua primeira *Missa Solenne* para órgão e orchestra.

Pela mesma epoca Guilmant era igualmente nomeado professor de solfejo na escola communal de Boulogne, fundava e dirigia um orpheon que veio a adquirir uma justa nomeada e occupava como altista o logar de membro activo da *Société Philharmonique*.

Em 1860, Lemmens, o celebre organista belga, tendo occasião de ouvir Guilmant, ficou surprehendido com as notaveis qualidades reveladas pelo joven artista e espontaneamente lhe offereceu os seus conselhos e lições de aperfeiçoamento.

As poucas mas valiosas lições de Lemmens, — então professor de órgão no Conservatorio de Bruxellas, — exerceram uma influencia decisiva na orientação artistica de Guilmant; a sua profunda admiração por

Bach augmentou, solidificou-se em presença das elevadas qualidades de estylo e de technica do eminente professor, — directo herdeiro do sublime Mestre.

Impellido pelo seu talento individual e pela alta competencia adquirida com um trabalho methodico e consciencioso, Guilmant lança-se desde então em uma carreira ascendente e gloriosa, cheia de victoriosos successos artisticos, fazendo-se conhecer e applaudir nas principaes cidades de França e do estrangeiro. Em 1861, é chamado a inaugurar o órgão de Arras; em 1862, o de *Saint*

Sulpice (1); em 1868, o de *Notre-Dame*, etc.

Dotado de uma energia e de uma actividade phenomenaes, Guilmant multiplica as suas viagens artisticas, visitando successi-

(1) — Tres dias depois (a 2 de maio) teve logar a memoravel audição reservada ás summidades da Arte musical e em que Guilmant executou um *concerto* de Haëndel, uma *Toccata e fuga* de Bach, diversas composições originaes e uma notabilissima improvisação sobre *themas dados*.



vamente a Italia — aonde foi recebido em audiência privada pelo Papa e agraciado com a commenda de S. Gregorio (1) — os Paizes-Baixos, a Russia, os Estados Unidos da America do Norte, o Canadá, a Hespanha e, por diversas vezes, a Inglaterra aonde foi encarregado de inaugurar varios instrumentos e de executar a parte de órgão em numerosos concertos, um dos quaes no palacio de Windsor, em 1890, em presença da Rainha Victoria — a régia discipula de Mendelssohn.

Em 1871, Guilmant succedeu ao excellentissimo organista Chauvet como organista na igreja da *Trinité* — logar que ainda hoje brilhantemente occupa. Creou pouco tempo depois a prospera *Association des Grands Concerts d'Orgue* (os celebres concertos do Trocadero) e entrou como organista, em 1876, para a *Société des Concerts du Conservatoire*.

Alexandre Guilmant é, desde 1896, professor titular da classe de órgão no Conservatorio de Paris e, inteiramente alheio a mesquinhas invejas e estereis rivalidades de escolas, exerce devotadamente e com a maior independencia as mesmas funcções na *Schola Cantorum* — a admiravel Escola que elle fundou, em 1895, com Vincent d'Indy, Charles Bordes e outras notabilidades musicas.

*

Como compositor, Alexandre Guilmant goza hoje de uma fama universal absolutamente merecida.

As suas composições vieram fornecer um largo repertorio ao organista liturgico e preencher uma lacuna na litteratura musical do órgão moderno, até então constituida pelo alto classicismo dos antigos, pela insufficiente contribuição dos romanticos e, salvo brilhantes excepções (2), pelas mediocridades dos contemporaneos.

A sua obra enorme (3) é, por assim dizer,

(1) — Guilmant é egualmente *Chevalier de la Legion d'Honneur*.

(2) — Franck, Widor, Gigout, etc., etc.

(3) — Eis uma resumida lista das cento e tantas obras que conhecemos de Guilmant, e de que, por falta de espaço, não podemos dar nota separada:

Symphonie, Marche-Fantaisie, duas *Marches funèbres*, *Marche élégiaque*, *Méditation sur le Stabat*, *Adoration*, *Scherzo*, *Allegro* e *Final alla Schumann*, para órgão e orchestra;

18 fasciculos de *Pièces dans différents styles*, 12 de *l'organiste pratique*, 8 de *l'organiste liturgiste*, 4 de *Pièces religieuses*, 6 *Grandes Sonates*, 3 *Messes* (com órgão e orchestra), diversas *Pièces* para piano e outros instrumentos, *Cantates*, *Motets*, *Hymnes*, *Chœurs*, etc.

Além das suas obras originaes Guilmant tem publicado numerosas transcripções de composições celebres, uma *Ecole classique de l'orgue*, o *Repertoire des concerts du Trocadero* e, em collaboração com o eminente musicographo André Pirro, *Les Archives des Maîtres de l'orgue*.

um reflexo das qualidades dominantes, fundamentaes do seu admiravel character. Guilmant soube resistir sempre ás tendencias do *modernismo francez* para dizer sinceramente, simplesmente, aquillo que sente a sua alma isenta de complicações e alheia á doentia sentimentalidade que domina o nosso tempo; o homem forte soube conservar a sua alma antiga, sadia, e, com a serenidade de um primitivo, tem construido durante uma longa vida de trabalho systematico e aturado, uma obra extremamente solida, clara, simples.

As composições de Guilmant embora desprovidas ás vezes do *picante sabor moderno*, abundam sempre em optimas qualidades musicas, em engenhosas *trouvailles* technicas, em originaes effectos de sonoridade, absolutamente desconhecidos dos seus predecessores.

*

Alexandre Guilmant conhece a fundo, como poucos, o poderoso e complicado instrumento a que se dedicou; sabe dominal-o e utilizar com um discernimento e tacto magistraes os multiplos recursos de que occasionalmente pode dispôr.

Só um profissional pode avaliar bem a difficuldade que existe na inevitavel necessidade de executar em órgãos diferentes, na differente *orchestração* que os meios proprios, — e bem diversos ás vezes, — de cada instrumento, exigem do executante, obrigando-o constantemente a modificar o uso classico de certos registos, a supprimir o emprego usual de outros, a addicionar registos novos de effecto duvidoso, etc. Apenas os mestres como Guilmant attingem a superior *automatisação*, a necessaria independencia material, que lhes permite libertar completamente o espirito do manejo instrumental; formular e desenvolver, sem hesitação, todas as phases de uma ideia; evidenciar, logicamente ordenadas, todas as riquezas da imaginação (1).

(1) — Na maneira de interpretar e de executar dos actuaes organistas francezes — illustre e numerosa phalange de homens de talento, como em outro paiz não existe — accentuam-se, até á exaggeração, os principios oppostos de duas escolas; uns consideram e tratam o órgão como uma orchestra e procuram reproduzir fielmente todos os effectos orchestraes; outros, entendem que o órgão é um instrumento de character e de qualidades proprias, dotado de recursos sufficientes que lhe permitam uma nobre independencia, assaz caracterizada e *individual*...

Guilmant é o chefe d'este segundo grupo que manifestamente é o mais consentaneo com a Historia, com a origem e evolução do órgão, e o mais conforme ás exigencias do estylo polyphonicos dos grandes mestres primitivos.

Já o agudo e intuitivo Berlioz dissera que — «l'orgue, c'est le Pape; l'orchestre, c'est l'Empereur...»

Todavia, parece que Guilmant manifesta contradicção

Improvisador surprehendente, Guilmant tem espalhado nas frequentes horas de uma profunda inspiração o melhor do seu bello talento e do seu nobre sentimento musical. Por mais *ingrato* que seja o thema ou o momento, é sempre grande o interesse que nos desperta a solida educação, a prodigiosa memoria e a elevada concepção de que o mestre dá provas na improvisação *livre* ou *ri-gorosa*.

Na improvisação classica da fuga, o seu talento é absolutamente unico; a facilidade e a fluencia de improvisação, a solidez da contextura polyphonica, são verdadeiramente maravilhosas.

*

Desejando ha tempo ser agradavel, a um excellente amigo meu, grande amator de musica, que, de passagem por Paris, me manifestara o vivo desejo de ouvir Guilmant, fui procurar o Mestre que não só accedeu ao meu pedido, mas teve a amavel condescendencia de dedicar-nos uma audição especial, absolutamente *reservada*, na sua bella residencia de Meudon. Alli, no magnifico orgão construido expressamente por Cavaillé-Coll, — instrumento que, além de tres teclados e de todos os outros aperfeiçoamentos da factura moderna, possui diversos jogos primitivos *afim de dar á execução das obras dos classicos todo o caracter e colorido originaes*... — o Mestre foi, como sempre, admiravel, tanto na parte improvisada — destinada a evidenciar as qualidades do instrumento, como na parte dedicada á execução de difficeis obras originaes e de Sebastião Bach — proprias a pôr em relevo os superiores recursos technicos do executante.

... E de regresso a Paris, encantados com o programma do intimo concerto que nos fôra dedicado e ainda no calor da emmoção recebida, cantarolavamos victoriosamente o thema da celebre *fuga em sol menor* e commentavamos, enthusiasmados, as admiraveis qualidades do homem e do artista, a rara *chance* de uma tal audição, a inolvidavel impressão que nos deixara esta artistica *soirée*...

*

Como professor, Guilmant reúne todas as raras qualidades moraes e profissionaes do homem destinado a ensinar a technica de uma Arte. De uma paternal bondade para com todos os seus discipulos, elle descobre bem

flagrante d'este principio nas numerosas *Transcripções para orgão* de peças orchestraes de diferentes auctores... A questão é subtil e não pode ser devidamente analysada aqui; — a meu ver, são esses auctores que se enganam, a maior parte das vezes, escrevendo *para orchestra* as suas obras...

depressa em cada um d'elles quaes as maiores deficiencias materiaes a remediar, quaes as principaes qualidades moraes a desenvolver; penetra-lhe pouco a pouco o espirito, adivinha-lhe as tendencias, encontra-lhe as aptidões; elogiando-o sem exagero, corrigindo-o sem amargura, e animando-o sempre, elle sabe despertar-lhe o interesse pelo estudo, o gosto pelo trabalho o mais arido e a admiração das bellas obras, convencendo-o facilmente de que a *ambição de saber* é uma coisa necessaria, agradavel e bella...

A sua aula offerece um raro exemplo da bella confraternisação artistica dos passados tempos; os seus numerosos discipulos, penetrados de um profundo e commum respeito, constituem um grupo sympathico, unido, dominado pela mesma vontade e pelo mesmo amôr...

...E ás vezes, durante essas rapidas horas de classe, temos a visão de que se reflecte na patriarchal figura, austera e bondosa, do *père Guilmant*, o ultimo e vivido lampejo do espirito do velho Sebastião Bach — o sereno e genial creador de tantas obras immortaes!..

F. DE LACERDA.



MONOGRAPHIA DO CORNETIM

O Cornetim — Segundo Larousse no seu Dicionario, *Cornet* era um instrumento de vento de que os antigos se serviam na guerra.

Charles Soullier⁽¹⁾ define assim esta palavra «Um dos mais antigos instrumentos de musica. E' feito de corno e aberto com varios orificios.»

As trompas ou cornetins foram effectivamente na sua origem simples cornos de bufalo, ôcos, havendo-os tambem de marfim, sob a designação de *olifant*⁽²⁾.

O *cornetim de pistons* é um instrumento de metal, construido segundo a escala temperada⁽³⁾.

Foi introduzido e popularisado em França, no anno de 1826 por um *virtuose* chamado *Dufresne*, que o tocava com immenso successo nos antigos concertos de Musard,

(1) C. Soullier. — *Dictionnaire de musique* = pag. 31.

(2) Trompa de marfim que usavam os cavalleiros andantes.

(3) P. Blaserna, no seu livro *Le son et la musique* lastima o uso da escala temperada na orchestra e afirma que a maior parte dos instrumentos de sopro são susceptiveis de produzir a verdadeira escala, não sendo portanto impossivel nem mesmo difficil ás grandes orchestras realizar a sua execução na escala exacta.

pac (1). Este instrumento é para o clarim o que a trompa de pistons é para a trompa lisa, isto é: o clarim tendo, como a trompa, notas cujo ataque é extremamente difficil, para não dizer impossivel, tem um substituto no *cornetim de pistons* para certas passagens d'orchestra d'uma execução difficil.

O primeiro fabricante francez que se occupou do aperfeiçoamento do cornetim de pistons (cujo systema é o mesmo da trompa de pistons e se funda sobre a invenção do saxonio Stolzel) foi Antoine Hardy, que seguiu a inspiração e os conselhos de Meifred, contribuindo poderosamente para implantar o seu uso.

O novo instrumento, que como é sabido tem 3 pistons, não tinha n'esse tempo mais que dois. Em Italia e outros paizes preferem-se aos pistons os *cylindros de rotação*, que offerecem para o executante algumas vantagens que não são para desprezar; em Portugal porem os cornetins e todos os outros instrumentos em que os pistons sejam substituidos por cylindros tem difficil acceitação.

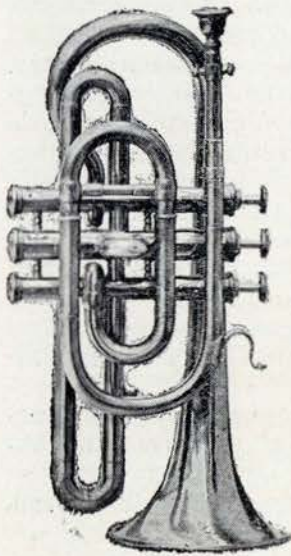
Por meio de *tons* ou *roscas* varia-se a tonalidade do cornetim, tal qual como se pratica na trompa e em outros instrumentos transpositores.

Os tons em que se pode armar o cornetim são os de *dó agudo*, *si natural*, *si bemol*, *lá natural* e *lá bemol* (alguns tem tambem o de *fá*); na orchestra empregam-se porem apenas os de *si bemol* e *lá* e na banda marcial quasi exclusivamente o primeiro.

O cornetim em *lá* é usado geralmente para os tons de sustentidos e em *si bemol* para os tons de bemoes.

A extensão do instrumento, quando armado em *si bemol*, vae do *fá sustentido* na 3.^a linha inferior da clave de sol na segunda até ao *dó* na segunda linha superior da mesma clave. E' claro que

nos referimos ás notas que se *escrevem*,



porque as que se ouvem são *sol a si bemol*.

Ha um meio de ganhar meio tom nos graves do cornetim: consiste em tirar a bomba do 3.^o piston, afim de obter o comprimento de 2 tons em lugar de 1 1/2 tom que ordinariamente tem, e adopta-se para conseguir esta nota excepcional a mesma posição do *fá sustentido*, isto é os tres pistons baixos.

Para não deixarmos de alludir a todos os instrumentos que constituem a familia do cornetim, citaremos ainda a *Corneta requinta*, que incorremos no lapso de não mencionar quando tratamos dos *Bugles*.

A *Corneta requinta*, a que os francezes chamam *Petit bugle* é o mais agudo de todos os instrumentos de pistons e tem a mesma extensão que o cornetim, porem está uma quarta justa mais alta. Emprega-se geralmente nas fanfarras.

Entre os numerosos ensaios de aperfeiçoamento do cornetim merece menção o *cornetim moderador*, systema Gautrot, com abertura obliqua. Serve esta para dar uma identidade e regularidade perfeita dos sons, que não existia antes d'este processo, por causa da differença muito sensivel que havia entre os sons abertos produzidos pelo corpo sonoro e os praticados com o auxilio dos pistons.

*

Notas referentes a Portugal: — Não nos parece fóra de proposito n'esta ligeira monographia do cornetim citar os principaes artistas portuguezes que se tem illustrado n'este instrumento. Não abundam tanto as nossas glorias artisticas que não valha a pena aproveitar todos os pretextos para as relembrar.

Effectivamente Portugal tem produzido bons tocadores de cornetim e de corneta de chaves (hoje sem applicação). E alguns notaveis não só pela extrema suavidade do som como tambem pela naturalidade da expressão, qualidades bem frequentes nos nossos bons instrumentistas de sopro.

Na impossibilidade de indicar todos, apontarei apenas os que pela sua celebridade se não podem esquecer:

Francisco Antonio Norberto dos Santos Pinto: — Nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1815 e falleceu em 30 de Janeiro de 1860. O instrumento da sua predileção era a *corneta de chaves*. Foi membro do Conservatorio Real de Lisboa; professor da aula de instrumentos de latão no referido Conservatorio, logar que se achava vago por morte de Francisco Kuckenkuk e que Santos Pinto obteve por concurso em 1854; musico da Real Camara e primeiro corneta de chaves na orchestra do Theatro de S. Carlos.

(1) Musico francez nascido em 1789 e fallecido em 30 de Março de 1853, chefe d'orchestra dos bailes publicos e da opera: fundou em 1840 em uma sala da R. Vivienne (Paris) o *Concerto Musard*. Seu filho Alfredo Musard, nascido em 1828, inaugurou as antigas soirées musicas da R. Vivienne.

Foi mestre de Composição e Contraponto do laureado Guilherme Cossoul.

Compoz musica para operetas e para um grande numero de bailados que se executaram em S. Carlos. As suas composições sa- cras gosam de boa reputação (1).

Thomaz Jorge:— Tocador de Corneta de chaves, contemporaneo de Santos Pinto, falleceu em Lisboa a 16 de Abril de 1879.

Foi um excentrico mas bondoso e excelente artista; tomou parte, como solista, nos Concertos da Academia Melpomenense e fez parte da orchestra do Theatro do Gymnasio; foi protector e director do Asylo dos Cegos da Casa Pia.

Manoel Antonio Correia:— Nasceu em Lisboa em 1808 e falleceu em 7 de Janeiro de 1887 com 79 annos de idade.

Foi mestre da fanfarrã de lanceiros 2 e occupou na orchestra do Theatro de S. Carlos o lugar de 2.º clarim. Foi um dos primeiros artistas que aprenderam a tocar cornetim e o primeiro que, em um concerto da Assembléa Philharmonica, executou um solo n'esse instrumento, expressamente escripto por Santos Pinto.

A sua especialidade era escrever musica para fanfarrã.

Em 1869 organisou uma grande *banda de Sax*, que se fez ouvir no antigo Passeio Publico, onde se executaram, entre outras pe- ças, as marchas *Prussiana* e *Aux flambeaux* (fackeltanz) e aberturas da Dinorah e do Guilherme Tell optimamente transcriptas para os instrumentos de metal.

Na esplanada dos Recreios Whitoyne ti- veram tambem logar alguns concertos pela banda de Sax, sob a sua direcção, sendo o primeiro com a inauguração do coreto que acabava de construir-se.

Foi regente das fanfarras compostas por amadores, denominadas *Tagis Flumen* (2) e *Meyerbeer*.

Compoz tambem alguma musica religiosa.

João dos Santos Fernandes (Perico):— Notavel tocador de cornetim.

Nasceu em Villa Real de Santo Antonio e falleceu em Lisboa a 26 de Agosto de 1897 tendo 47 annos de idade.

Foi discipulo do Conservatorio, onde completou os cursos de cornetim e clarim sob a direcção de Ernesto Wagner.

(1) Possuo d'este compositor as seguintes musicas : *Variações Para Corneta de Xaves com Acompanhamento de Dois Violinos Viola Flauta Dois Clarinetes Duas Trompas e Basso Por F. A. N. S. Pinto — Para uço do Sr. J. M. Borges, seu Discippullo* (sic).

— *Thema e Variações Para Corneta d'Xaves com acompanhamento de Banda Marcial. Por F. A. N. S. Pinto. Para uço do Sr. J. M. Borges seo Discippullo* (sic).

(2) *Tagis* ou *Tagus*?

Occupou durante muitos annos o logar de primeiro cornetim na banda da Guarda Municipal de Lisboa onde era muito apreciado como concertista na execução dos trechos obrigados a cornetim.

Pertenceu á orchestra de diversos thea- tros e fez-se ouvir tambem a solo em varios concertos, executando entre outras obras o difficil *Carnaval de Veneza* d'Arban, que to- cava magistralmente.

Pouco tempo antes do seu fallecimento foi transferido para a banda de Caçadores n.º 5, para poder obter a reforma, tendo sido dispensado do serviço na referida banda.

Frederico Jayme de Carvalho e Mello:— Nasceu em Lisboa em 1830 e foi educado na Casa Pia, onde aprendeu musica.

Foi primeiro cornetim da banda da Guar- da Municipal, ao tempo em que Solter era o mestre da mesma banda.

Como excellente tocador que era, occu- pou o logar de 1.º cornetim na orchestra do Theatro de S. Carlos e tomou parte em diversos concertos tocando a solo.

Foi tambem professor de musica e ins- trumentos de metal na Escola Academica e director da banda da mesma Escola.

Falleceu a 14 de Abril de 1898.

José Rodrigues d'Oliveira:— Nasceu na Ilha de S. Miguel aos 30 de Setembro de 1843. Sentou praça aos 11 annos na banda de caçadores 5. Tão precoce se manifestou a sua extrema habilidade que aos 12 annos já tocava cornetim *a solo*; passou depois para a banda de infantaria 7 e ahi se con- servou por espaço de 12 annos.

Quando Arban esteve em Lisboa elogiou bastante José Rodrigues, que ficou de tal modo reconhecido á opinião d'aquelle mes- tre que lhe dedicou uma das suas composi- ções, *Homenagem a Arban*.

Em 1877 esteve na America fazendo parte como 2.º contralto da *Sociedade de Ocarinistas portuguezes*; deu tambem ali alguns concertos de cornetim, colhendo os mais fervorosos applausos.

Tem composto varias phantasias para cornetim e ultimamente foi tocada pela banda da Guarda Municipal de Lisboa uma polka de sua composição intitulada *Dia- mantina*, obrigada a cornetim.

No seu regresso da America foi convidado pelo fallecido Manoel Augusto Gaspar para occupar o logar de 1.º cornetim na banda da Guarda Municipal, onde o seu merito como solista continuou a ser muito apre- ciado.

Compoz tambem a polka *Flôr linda*, para cornetim, em homenagem á actriz Florinda Obteve esta composição um exito extraor- dinario, sendo offerecida ao publico uma

transcrição para piano, por occasião d'um dos beneficios que José Rodrigues realisou no Passeio Publico.

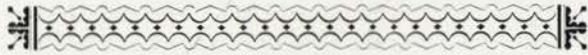
*

O Conservatorio Real de Lisboa, tambem tem dado alguns bons alumnos de cornetim e clarim.

O methodo adoptado para o estudo d'estas especialidades é o de Arban (1), e o curso é dividido em 5 annos, sendo o ultimo dedicado aos estudos superiores.

As aulas são regidas pelo professor Ernesto Victor Wagner, que tambem tem a seu cargo a trompa e outros instrumentos de latão.

ALFREDO BORGES DA SILVA.



BELLINI

No proximo dia 1.º de novembro completam-se cem annos desde o nascimento de Vincenzo Bellini, o immortal auctor da *Norma*, da *Sommambula* e dos *Puritanos*.

A cidade de Catania, onde elle nasceu, prepara-se para solemnizar dignamente esse glorioso centenario, realisando uma serie de festas que começarão no dia 3 e terminarão a 10.

Haverá uma exposição belliniana, discursos commemorativos, publicação de um album, inauguração de diversas lapides, um hymno composto por Platania, etc.; mas os pontos mais salientes do programma para estas festas são dois: uma serie de representações no theatro Massimo e a grande apothose popular.

No theatro cantar-se-hão as tres obras primas de Bellini — *Norma*, *Sommambula* e *Puritanos* — que, segundo diz a *Gazeta Musical de Milão*, serão desempenhadas por artistas optimos e terão primoroso desempenho.

A grande apothose popular realizar-se-ha no Jardim Bellini, que é o grande jardim publico de Catania; diversas bandas de musica militares e civis, executarão reunidas a

(1) Joseph Jean Baptiste Laurent Arban, nasceu em Lyon em 1825.

Alem do grande *Methodo completo* para cornetim, publicou para este instrumento em que era um distinctissimo virtuose, uma grande quantidade de phantasias tanto originaes como sobre motivos de operas.

Foi em 1848 que pela primeira vez fez ouvir no cornetim, em uma sessão da Sociedade de Concertos do Conservatorio, o golpe de lingua em staccato binario e ternario na execução da famosa aria composta para flauta por Boehm sobre um thema suiso.

Foi director de muitas orchestras de baile e de concerto e e entre ellas a da Opera cujos bailes de mascaras dirigiu depois da sahida de Strauss.

symphonia da *Norma* e outros trechos apropriados. Haverá um concurso entre as mesmas e outras bandas, algumas das quaes accorrem de diferentes pontos de Italia. Os premios são 3:500 liras, medalhas, diplomas e menções honrosas.

Segundo os bons desejos da commissão encarregada de promover estas festas, serão ellas as mais esplendidas que teem havido na velha cidade da Sicilia.

Bellini morreu em Puteaux (Paris), a 23 de setembro de 1835. Sepultado no cemeterio do *Père Lachaise*, foram as suas cinzas trasladadas em 1876 para Catania, onde lhe erigiram um monumento.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

XXX

De Lisboa.

Todos nós, por moda ou por feitio, demos agora em dizer mal da existencia e do mundo, e, ai de mim, eu não sou dos que menos tenha peccado; assim, está assente que a vida não passa de uma enorme semsaboria, sabia ou não sabiamente diluida na successão dos varios *momentos* que a compõem, e que este globo terraqueo em que giramos mostra já de quando em quando vestigios de velhice e de cansaço; e, embora no volver de cada primavera floresçam as amendoeirias, ou rebentem as olaias, e depois se vão vestindo os campos, enfeitando as arvores, azulecendo os ares, as rosas nos encantem e os cravos nos inebriem, parece não haver duvidas que alguma cousa dentro de nós e em volta de nós a todo o instante vae morrendo aos poucos...

Buzinam poetas que não, barafustam philosophos que sim, mas, no dizer de muitos, todos elles, verrumando no vacuo, o que em geral conseguem é desdobrar por sobre *tudo isto* o manto ethereo da propria illusão em que se envolvem, e bordarem uns, ou destecerem outros, pedaços da eterna chimera em que se agitam...

Que afinal ainda n'este como em alguns casos mais, a verdade, por um d'aquelles mysterios de equilibrio de que só ella possui o segredo, acaso estará, simultaneamente, com os que affirmam que sim e com os que insistem que não, e o alto e privilegiado espirito que consiga fundir dentro de si proprio estes dois tão antinomicos estados, haverá porventura encontrado a formula definitiva da felicidade mental, especie de eu-

thanasia philosophica, de morte bemaventurada dos sentidos e das paixões...

*

Perguntar-me-ha, querida amiga, a que vem todo este arrasado, e com sobrada rasão concordarei eu comsigo, mas vae ver aonde pretendo chegar, e vem a ser: — que se na realidade a existencia é arida, e o mundo envelhece, convem fazer florir aquella e tentar rejuvenescer este. Como? Aqui me proponho eu a communicar-lhe o meu elixir milagroso, a minha panacéa abençoada...

Antes porém um ligeiro relancear dos olhos por sobre algumas causas d'este na apparencia bem singular phenomeno, que no fundo se cifra no facto, paradoxal e estranho, de ao mesmo tempo se queixarem os que muito possuem e os que nada teem, os que tudo reclamam, e os que de pouco vivem, os que aspiram ao mando, á gloria, ao brilho, e os que até já quasi se vêem destituídos da augusta dignidade de humanos e foram relegados á categoria desprezível de cousas...

Ora — e assim entro em materia — se nós olharmos, o que vemos, boa amiga? De certo muita sciencia a mais, mas tambem muita consciencia a menos; novas ondas de ouro, mas novissimas ondas de lodo; sangue misturado com lagrimas, perolas occultando chagas, flores emergindo de monturos, e aqui e ali, dominando o espaço e escalando os céos, alguns tyrannos de formação recente, a remexerem, a baralharem, a destruirem, aluindo ou decompondo aquem e alem, a seu bello talante e de seu livre alvedrio, fazendo em summa a chuva e o bom tempo, como nos chamados ominosos periodos da barbarie e do selvagismo...

D'onde, o concluir-se que por muito que as giestas nasçam e os lyrios brotem, os cardos não diminuem, e os calhaus não se amollecem...

Imagine agora da minha amiga que ámanhã surgiria, já não direi um outro Nazareno, de olhar luminoso e candido, de rosto immaculado e doce, mas um outro S. Francisco de Assis, filho d'aquelle Jesus amado, irmão elle proprio d'aquelle bom santo querido; o que o esperava entre nós? Um segundo calvario se aspirasse a Christo, uma ainda maior montaria, fóra o resto, se modestamente pretendesse imitar o revolucionario poeta das *Fiorette*... É talvez em parte o caso do grande Tolstoi...

Pelo que me quer parecer que d'esta vez Deus Nosso Senhor se propõe falar-nos uma linguagem mais incisiva e mais concludente, e d'ahi esses de alguma fórma estranhos

mas porventura providenciaes avisos que vão surdindo...

Se os que querem e podem não entenderem as prophcias d'estes apocalipses de hoje, é de esperar que coisas jámais previstas nos invadam de todos os lados, saindo-nos ao encontro de cada dobra do caminho, de cada sombra do horisonte, e então, minha senhora, como havemos de querer salvar-nos, verá que instinctiva e rapidamente, acharemos a estrada da Belleza e da Justiça d'onde sem a menor discrepância temos andado transviados...

Logo, o que seria talvez mister fazer para prevenir ou conjurar o desencadeamento imminente das temiveis e represadas coleras da terra e mais do céu?

Em meu humilde parecer conviria entrarmos todos desde já na simplicidade sadia e sobria não da natureza bruta, mas da natureza humanisada, espalhando pelas almas a luz, pelos corações o amor, pelos caracteres a franqueza, e por todos e por tudo a piedade e a tolerancia, a mansidão e a ternura...

E escrevi *entrarmos*, não escrevi *voltarmos*, porque quanto a mim, em rigor nós nunca lá estivemos com os instinctos acpillhados, como eu os antevejo, e apenas um ou outro haverá por esforço proprio ascendido a tão elevados pincares, que quanto aos demais, deveriam ser em rebanho o que hoje são em maioria, legiões maiores ou menores de bestas feras incompletamente amansadas e sobretudo só ostensivamente domesticadas, o que não obsta, todavia, que não procuremos todos irmo nos melhorando aos poucos, tornando afinal possivel a realidade da Justiça em regiões mais solidas e mais accessiveis que essa dos intermundios brilhantes mas longinquos da phantasia.

*

Se cá nos conservarmos ainda, oh veneranda amiga ausente, — e tal póde succeder, porque agora tudo se passa rapido — ambos veremos enfim que o mundo, mesmo durando sempre, deixa de ser edoso, e que a vida, mesmo a miude attribulada, deixa de ser sombria, pois que a eterna serenidade de uma, se desdobrará de vez na eterna juventude do outro.

E n'esse dia, — rejubilae poetas, emmudecei philosophos, — a Bondade, de mãos dadas com a Belleza, ensinarão ás creanças que forem nascendo e ás flores que forem abrindo, o mesmo ideal versiculo de paz e de concordia, para o qual milhares de seculos teem vindo a compôr o rhythmo e a combinar a musica...

AFFONSO VARGAS.



MUSICA INTIMA

Já alguém notou que a musica, a mais ideal de todas as artes, é servida pelos mais grosseiros meios de interpretação para conquistar os applausos publicos.

Effectivamente, além da perfeição technica, que exige longos e rudes exercicios mechanicos para que o concertista chegue a poder exhibir-se em publico, ha muitos outros elementos indispensaveis ao virtuosismo, absolutamente oppostos á espiritualisação da arte, que obrigam o artista a materialisar-se e a destruir a propria natureza se elle fôr sinceramente espiritualista.

Para o cantor de theatro é o scenario, o vestuario, o seu porte, gestos, plastica, etc.

Para o concertista é o esmero do traje, a longa cabelleira, o semblante em extasi, as condecorações, etc.

Para todos sem excepção, a larga publicidade, os reclamos, retratos, biographias, poesias, etc., etc., tudo espalhado com profusão, pelo proprio artista ou pelo seu empresario, sem o que, ninguem lhe dará o minimo valor.

E para esse valor ser effectivo, é necessario fazer publica ostentação das emoções profundas, do sentir intimo, das visões interiores que nenhuma alma delicada expõe a todo o mundo sem enorme sacrificio.

Na maior parte dos casos, tal ostentação não é mais do que uma prolongada mentira.

A sombra d'essa mentira, ou com o duro sacrificio de lançar aos quatro ventos verdades que o natural pudor manda guardar de profanações, o virtuoso em musica conquista applausos entusiasticos, adquire admiradores fanaticos, corre mundo, torna-se celebre, satisfaz as suas ambições, em summa, preenche a vida d'uma maneira gloriosa e brilhante.

Tudo isto, porém, foge do verdadeiro ideal artistico, e foge tanto mais lentamente quanto mais esplendorosa fôr a carreira do artista.

Muitas vezes succederá que elle interiormente preste culto sincero á sua arte, e secretamente abomine as exterioridades a que o obriga a lucta pela vida; mas o ruido exterior não lhe permittirá recolher-se por longo tempo á contemplação interna, e a sua alma não se purificará senão durante os raros momentos em que se encontre a sós com a consciencia.

O virtuosismo, seja no theatro ou na sala de concertos, seja de casaca ou vestido de

europeis, é um uso do mundo civilizado, uso muito util para a cultura e desenvolvimento da arte, muito proprio para satisfazer os sentidos, elevar o espirito e acompanhar a educação intellectual, muito agradável — encantador mesmo — como passatempo, mas está muito longe de ser a expressão completa da musica pura, cuja profunda essencia, toda espiritualista, desaparece perante as multidoes.

Quando Liszt, na presença de mil admiradores, avidos de sensações e loucos de entusiasmo, interpretava Beethoven com a mais absoluta perfeição ao mesmo tempo que se impunha com a sua extraordinaria figura e comprida cabelleira — a mãe das cabelleiras dos concertistas — produzia um maravilhoso *espectaculo sonoro*, derivação bastarda e enxovalhada da fonte purissima que derramou em torrentes as genias ideas por elle interpretadas.

Quando o mesmo Beethoven, na solidão do seu triste aposento, debruçado sobre o piano concatenava e desenvolvia as mil harmonias que o sentimento intimo lhe ia inspirando, creara a musica pura e casta, gerada pelo connubio da alma e do cerebro, mysterioso eco do paiz dos sonhos, expressão indefinida de soffrimentos, anhelos e affectos que o publico não foi chamado a julgar e só vagamente conhece pelos prodigiosos fructos.

Eis a musica intima.

Se das alturas de Beethoven descermos gradualmente até ao singelo berço que a pobre mãe embala cantando, sem outro auditorio além do infante que se deixa adormecer docemente, encontraremos mil vezes e sob mil aspectos diversos a musica intima, isto é, a musica pura, a verdadeira musica.

Para reproduzil-a não são necessarios os grandes recursos technicos do virtuoso. Vede com que encanto o marinheiro se encosta á amurada do navio dedilhando na guitarra improvisadas phantasias sobre o «fado»; não lhe digaes que o instrumento é mesquinho, que a cantilena é monotona e pueris são as variantes que elle lhe introduz. Não, não lhe digaes isso porque seria cruel dade despertal o dos seus bellos sonhos. Deixae-o devanear, que assim se lhe tortalece o animo dispondo-o para as grandes e boas acções.

Notae como a creança se delicia teclando no piano o seu primeiro «Repouso do estudo», e dizendo para a mãe: «Como isto é bonito!» Vós mesmos os *vencidos de Bach*, achareis encantador esse balbuciar de musica intima se a escutardes com os ouvidos da alma.

Mas o proprio Bach foi um intimo, e só na intimidade é comprehendido

Centenas de obras produziu elle só para sua satisfação; concluidas arrumava-as n'um grande armario d'onde não sahiram senão depois que morreu.

Raras d'essas obras conseguirão produzir *effeito* n'um auditorio numeroso e vulgar; nenhuma pode ser apresentada em theatro.

E quanta grandeza ellas revelam quando se ouvem ou leem com o espirito concentrado e a attenção presa unicamente por aquella maravilhosa architectura de sons! Nem uma sombra de virtuosismo, nem uma nota só, destinada a produzir *effeito*, nem uma passagem escripta com o fim de fazer brilhar o executante ali se encontra. Difficultades de execução, sim, e grandes, mas não para serem admiradas por isso; quem as ouve nem imagina o trabalho que teve quem as venceu.

A profunda satisfação produzida por essa musica, exclusivamente dimana d'ella mesma, sem concorrência de quaesquer elementos accessorios. E' em absoluto a musica pela musica, isto é a arte dos sons em toda a sua independência.

ERNESTO VIEIRA.



ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Eis uma instituição nova, que representa um admiravel esforço de alguns entusiastas e uma brilhantissima promessa para um meio tão desprotegido e tão retrahido como o nosso.

Uma escola para a musica de camara: reunir todas as aptidões, todos os elementos que possam produzir-se convenientemente n'esta especialidade artistica, dividil-os em grupos, oriental-os no caminho da grande Arte, adestral-os em todas as difficuldades proprias da musica de camara, e finalmente incital-os ao trabalho por meio de apresentações e concertos periodicos — eis o bello sonho artistico que está prestes a realisar-se.

Coube á *Sociedade de amadores de musica de camara* a gloria de ter imaginado este grandioso projecto e cabe-lhe a justa satisfação de o vêr posto em pratica.

A trabalhar desde 1898 incessantemente, a lutar com espantosos obices de toda a natureza, a pequena mas corajosa Sociedade, apoz o esforço de alguns concertos em que se produziu de fórmula a merecer o elogio de toda a gente, encontrou-se de mãos atadas, á mingua de elementos voluntariosos

com que pudesse proseguir. E não desanimou, apesar de tudo isso, no seu nobre proposito.

Sentimos que a absoluta carencia de espaço nos não permita hoje entrar em pormenores ácerca da organização d'este promettedor instituto artistico e que só o posamos fazer d'aqui a quinze dias.

Mas querendo concretisar em duas palavras os elevadissimos intuitos da *Escola de Musica de Camara*, bastará dizer que o seu proposito se resume n'isto: — *ensinar e produzir* — as duas palavras que devem soar melhor a ouvidos portuguezes.

O *modus faciendi* é singelo tambem: — uma subscrição mensal de 1\$000 réis, como imposto de Arte, a todos aquelles que quizerem dotar o seu paiz com esta preciosa instituição, tendo ainda a vantagem material de assistir gratuitamente a todos os concertos — e uma *joia* de 5\$000 réis para os que tenham de aproveitar mais directamente dos beneficios da *Escola*, na qualidade de alumnos executantes.

O conselho director da *Escola* compor-se-ha de um Presidente, que será um dos nossos primeiros artistas. de um Professor para cada uma das especialidades (instrumentos de corda, de sopro e de teclado) e de um Administrador exclusivamente encarregado da parte financeira do projecto.

Para a leccionação e ensaio dos instrumentos de corda, já foi contractado o illustre professor hespanhol D. Francisco Benetó, um dos mais gloriosos nomes artisticos do visinho reino.

Como se sabe, D. Francisco Benetó foi durante onze annos discipulo do nosso querido amigo e illustre professor D. Andrés Goñi, concluindo a sua primorosa educação no Conservatorio de Paris, sob as vistas de Marsick e White. O que vale D. Francisco Benetó, como concertista, já o publico tem tido occasião de apreciar innumeradas vezes. Tem portanto o prestigioso artista a sua reputação já feita entre nós e deve ser para todos um motivo de legitimo orgulho e satisfação, saber-se que tão notavel mestre se propõe a fixar a sua residencia entre nós, para intuitos tão elevados, sendo de mais a mais certo que postergou, em nosso favôr, uma honrosa nomeação de Professor, em um dos Conservatorios mais importantes do estrangeiro.

Assim, tem a nova *Escola* os melhores elementos de vida. Possam os nossos amadores e artistas comprehender a elevada missão a que ella se propõe e concorrerem todos para que tal melhoramento se realise com o brilho, que sob todos os pontos de vista merece.

Na nossa redacção prestamos todos os esclarecimentos acerca da *Escola de Musica de Camara* e acceitamos a inscripção dos que desejem adherir a este projecto.

GALERIA DOS NOSSOS

Julio Caggiani



É bem complexa esta figura e das mais difficeis de descrever no laconismo de um artigo em que as linhas vão por assim dizer contadas.

Direi bem pouco; é possível mesmo que não possa dizer o bastante para promemorar as linhas mais características d'este simpatico perfil.

O que é certo é que poucas aptidões artisticas poderemos contar hoje entre nós, tão fundamente marcadas pelo sello do talento, como a d'este eximio violinista.

Assim todas as qualidades violinisticas que se fundarem n'uma impulsão natural, tem-as Julio Caggiani no mais elevado grau: uma afinação rara, uma facilidade extrema em todos os golpes d'arco, ainda os mais compromettedores e acima de tudo uma tão invejavel facilidade de leitura que o colloca, n'essa feição particular do seu talento, em terreno onde difficilmente poderá ser batido.

Se tão privilegiada natureza tivesse o tempero d'uma boa escola e a fortuna d'uma boa orientação, seria Julio Caggiani um artista completo; mas victima sempre d'este nosso infeliz meio e desajudado de toda a protecção official, nem pode purificar o seu estro no cadinho das grandes lições nem conseguiu nunca emergir em situação que condísse com o seu levantado valôr.

E como é paciente e retrahido lá vae caminhando sem protesto e sem desfallecimento n'este arduo luctar de todos os dias—com uma leve pontinha de septicismo a segredar-lhe que n'este malfadado paiz pouco mais poderá conseguir da sua Arte do que ella lhe tem até agora dado.

E talvez tenha razão...

SCHAUNARD.

CONCERTOS

No salão do Hotel Bragança (Espinho) teve logar a 28 de setembro um sarau em que tomou parte o nosso illustre violinista Moreira de Sá, o que tanto basta para significar que foi magnifica festa, sob o ponto de vista artistico.

Além do prestigioso mestre, figuraram no programma os seguintes artistas e amadores, D. Leonilda Moreira de Sá, D. Maria Pereira da Costa, D. Idalina Castro, D. Bertha Pereira da Costa, D. Ismalia Moreira de Sá e Luiz d'Albuquerque, Luiz Costa e Fernando Moreira de Sá.

Em 3 do corrente mez teve effeito o segundo concerto de Madame Sarti, Rey Colaço e Rubio, realisando-se como o primeiro no Mont'Estoril com uma assistencia algo ruidosa e pouco resolvida a prestar a respeitosa attenção que os distinctissimos artistas merecem.

E' pena realmente que tenhamos ainda de registrar aqui um tal facto, quando é certo que constitue um lamentavel e injusto desprimôr, completamente improprio de um paiz que pretende mostrar-se culto aos estrangeiros que o visitam.

Seja pelo divino amor de Deus...

O mais interessante do programma era a *Sonata em lá*, op. 69 de Beethoven, admiravelmente executada tanto pelo pianista, como pelo violoncellista. *Noblesse oblige*.

Fóra d'esta esplendida sonata, pouco havia para chamar verdadeiramente a attenção—muitas pequenas peças, valorizadas por uma execução *hors ligne* por parte de qualquer dos tres excellentes musicos, mas faltando a quasi todas ellas o encanto da novidade, ou a recommendação de uma factura interessante.

Obtiveram porém um especial suffragio o delicioso *Caprice* de Scarlatti, a cançonetta *Dans les roses* de Soubies e o *Adagio* de Rubio, interpretados respectivamente por Colaço, Madame Sarti e Rubio.

Não é mau tambem dizer que a mór parte das peças foram seriamente prejudicadas pela decrepitude d'um piano prehistorico, que com certeza o illustre Colaço substituirá nos seguintes concertos.

No Club de Cascaes, mais uma audiçãõ em que a musica de camara teve uma certa importancia.

Foi em 4 e os numeros *não arranjados* foram o *Concerto* de Bach para dois violinos e piano, o famoso *Quartetto* de Grieg, ouvido pela segunda vez e a *Segunda polacca* de Wieniawski, distintamente tocada pelo sr. Benetó, primeiro violino do Sextetto.

No magnifico *Concerto* de Bach, desejariamos que o sr. Eduardo Escobar, incumbido da segunda parte, tivesse empregado um melhor instrumento para obra de tão largo folego. Um pouco mais de sobriedade e de immobilidade no corpo seria tambem muito para desejar-se no desempenho d'esta segunda parte, que como se sabe tem tanta importancia como a primeira. Quando aqui ouvimos este *Concerto* ao saudoso Hussla e ao seu discipulo dilecto Cecil Mackee havia muito mais unidade e correção e fez portanto ao publico uma impressão muito mais agradável.

A repetição do *Quartetto* foi uma excellente ideia, que aqui aventamos, e que foi felizmente seguida; o publico já estava preparado para certas durezas e extravagancias da obra e fez-lhe um estrondoso acolhimento.

Agradou muito mais que na primeira audição e foi mesmo mais delicadamente traduzida; comprehendeu-se muito melhor o *Final*, que no concerto anterior nos deixara uma impressão um tanto penosa. Foi enfim uma optima e bem empregada *reprise*.

A *Polacca* de Wieniawski teve por parte do distincto violinista uma interpretação digna de todos os louvores e pena foi que o acompanhamento não correspondesse aos esforços do solista. Queremos crêr que esse desequilibrio, que por vezes se tornou muito saliente, fosse devido á falta dos ensaios sufficientes, o que é tanto mais para lastimar quanto é certo que artistas do valôr dos srs. Benetó e Casanovas não devem nunca pôr em jogo o seu incontestavel merecimento com execuções mal cuidadas ou apressadamente preparadas. Vae n'isto o seu bom nome artistico.

O distincto violinista, que foi muito victoriado no fim da sua *Polacca*, executou fora do programma as *Czardas* de Hubay.

*

Outra *matinée* interessante n'este mesmo dia 4, na Figueira da Foz.

Consistia o programma no *Quartetto*, op. 29 de Schubert, para cordas, na *Sonata*, op. 8 de Grieg, para piano e violino e no celebre *Quartetto*, op. 16 de Beethoven.

Executantes foram os srs. Francés, Bonet, Magalhães, Alvarez e Palmeiro, os distinctos artistas do Casino Peninsular, que tem sido

incansavel em proporcionar aos seus associados estas primorosas festas musicas.

Consta nos que em qualquer das tres obras foram ruidosamente ovacionados os illustres musicos, sendo-lhes vivamente reclamada a repetição do divino andante do *Quartetto* de Beethoven; n'este numero além da minuciosa interpretação do *ensemble*, teve o publico occasião de sublinhar com espontaneos applausos a deliciosa phrase da violeta, que Manuel Alvarez interpretou por forma verdadeiramente notavel.

Em summa, um bello concerto, como todos os que ali se teem dado este anno.

*

Com os mesmos executantes, no mesmo local e com igual exito, fez-se em 9 d'este mez uma sessão especialmente consagrada a obras de Beethoven.

O terceiro *Trio* da op. 1, o primeiro *Quartetto* da op. 18, e o *Quartetto* op. 16 eram as obras de que se compunha este bello programma digno sob todos os aspectos, de figurar n'esta rapida resenha.

Vê se que os corajosos artistas da Figueira não desanimam no seu proposito e mais uma vez se vê que o publico não hesita em patrocinar as boas iniciativas d'arte, quando são conduzidas com seriedade e postas dignamente em pratica.

*

O violoncellista Joaquim Casella realisou em 10 d'este mez, um concerto, em seu beneficio, no Club de Leça da Palmeira.

Coadjuvaram-o a professora Castagnoli Curado, alguns discipulos de D. Sola Conde e um sextetto de amadores.

*

No theatrinho *Gil Vicente*, em Cascaes, teve logar na noite de 10 mais um concerto organizado pelos illustres artistas, Mad.^{me} Sarti, D. Rachel Luisello, Rey Colaço e Rubio.

A maioria do publico elegante, apesar do salutar exemplo de Suas Magestades, manifestou-se brilhantemente pela ausencia, preferindo ir *cotillonar* para a parada ou deixar-se ficar commodamente em casa.

Este *publico elegante* ha de ser sempre os nossos peccados...

O primeiro numero do concerto e o mais importante era a Sonata de Grieg, para piano e violoncello, que pela primeira vez se ouvia entre nós. E tivemos um verdadeiro prazer em ouvir esta obra, em que predomina a nota pathetica, sobretudo no andante, e em que os dois outros numeros, especialmente o ultimo, nos encantam pela frescura e delicadeza com que são tratados.

É peça que não deve sahir do repertorio dos eximios artistas e que merece ser novamente produzida diante de uma assistencia mais numerosa, com melhor piano e em condições de acustica, mais favoraveis.

Aparte esta novidade, havia tambem a apresentação de Mad.^{elle} Luisello, que ha tantos annos se não produzia entre nós, o que constituiu portanto outra novidade, do mais alto interesse.

Tem a notavel harpista grandes e sérias qualidades de technica e de expressão: as volatas e harpejos são feitas com uma limpidez maravilhosa, o rythmo é sempre cuidadosamente observado e a expressão quasi mystica, que caracteriza o lindo instrumento, é sentida pela sympathy concertista por fórma a não nos deixar a menor duvida sobre as faculdades emotivas da executante e sobre o culto tão amoroso quanto intelligente que professa pela sua dilecta harpa.

A quantidade e mesmo a qualidade do som exigiriam mais algumas restricções por parte da nossa habitual franqueza, mas seria arriscado pronunciarmo nos por ora a tal respeito, porquanto não foi só a harpa, mas tambem o piano e o violoncello que nos deixaram um tanto desnorteados, no tocante a sonoridade, e é bem possivel que as condições acusticas da sala, que nos pareceram infelizes, entrassem em larga parte nas impressões menos lisongeiras que recebemos.

A gentil solista foi vivamente festejada e tocou mais uma peça, fóra do programma.

Rubio, entre outras peças, tocou a encantadora *Aria* de Bach, em substituição de Cecil Mackee, que por justificado motivo, não pode tomar parte no concerto, como se annunciára.

Com Rey Colaço executou no fim do concerto, a *Polonaise* de Chopin em agradecimento aos applausos com que o victoriarão.

Mad.^{me} Sarti obteve o costumado exito, *dizendo* com rara intenção e saber alguns numeros de canto.

Rey Colaço abrilhantou o programma com o esplendido *Impromptu varié* de Schubert e uma *seguidilla* de Albeniz, a lutar em ambas ellas com as deficiencias do instrumento e, como respeitavel mestre que é, sahindo-se quasi sempre victorioso n'essa luta.

O proximo concerto é ámanhã, 16.

*

Em 11, nova audição de musica seria, no Club de Cascaes.

Pela inevitavel partida do prestigioso violetista Galvez, uma das figuras mais eminentes do grupo artistico, a cujo cargo estão as interessantes sessões musicas d'este Club,

passou a encarregar-se das partes de violet o segundo violino, D. Eduardo Escobar, e foi chamado outro violinista hespanhol, D. Hermilio Martinez, para occupar o lugar d'este.

Sem querer occultar o desequilibrio que taes alterações tinham de produzir inevitavelmente na homogeneidade do grupo e as deficiencias que não podiam deixar de sentir-se na execução das peças *d'ensemble*, cumpre nos, para ser inteiramente justos, fazer o mais rasgado elogio á maneira correctissima como foi desempenhado o encantador *Quartetto das Quintas*, que constitua a parte principal do programma.

Muito nitidos em toda a execução d'essa deliciosa obra, tiveram no emtanto um grande e merecido triumpho no segundo andamento, o andante, cujas variações se não podem dizer melhor, do que as disse o talentoso violinista Benetó, brilhantemente coadjuvado ahi, como em todo o resto do quartetto, pelos restantes concertistas.

O violoncellista Calvo apresentou-se a solo com uma *Cantilène* de Goltremann e uma celebre *Melodia* de Rubinstein, arranjada por Popper; em ambas se evidenciou o artista serio e correcto que já conheciamos.

Benetó o primeiro violinista do grupo, repetiu o primeiro tempo do *Concerto* de Beethoven, com a cadencia de Leonard. Valeu-lhe uma ruidosa ovação, como da primeira vez que executou esta difficilima peça e agradeceu a manifestação, com que o festejaram, tocando a *Rapsodia Hungara* de Hauser.

Das peças do sextetto destacou-se o lindissimo *Minuetto* de Schubert, que se ouviu sempre com encanto.

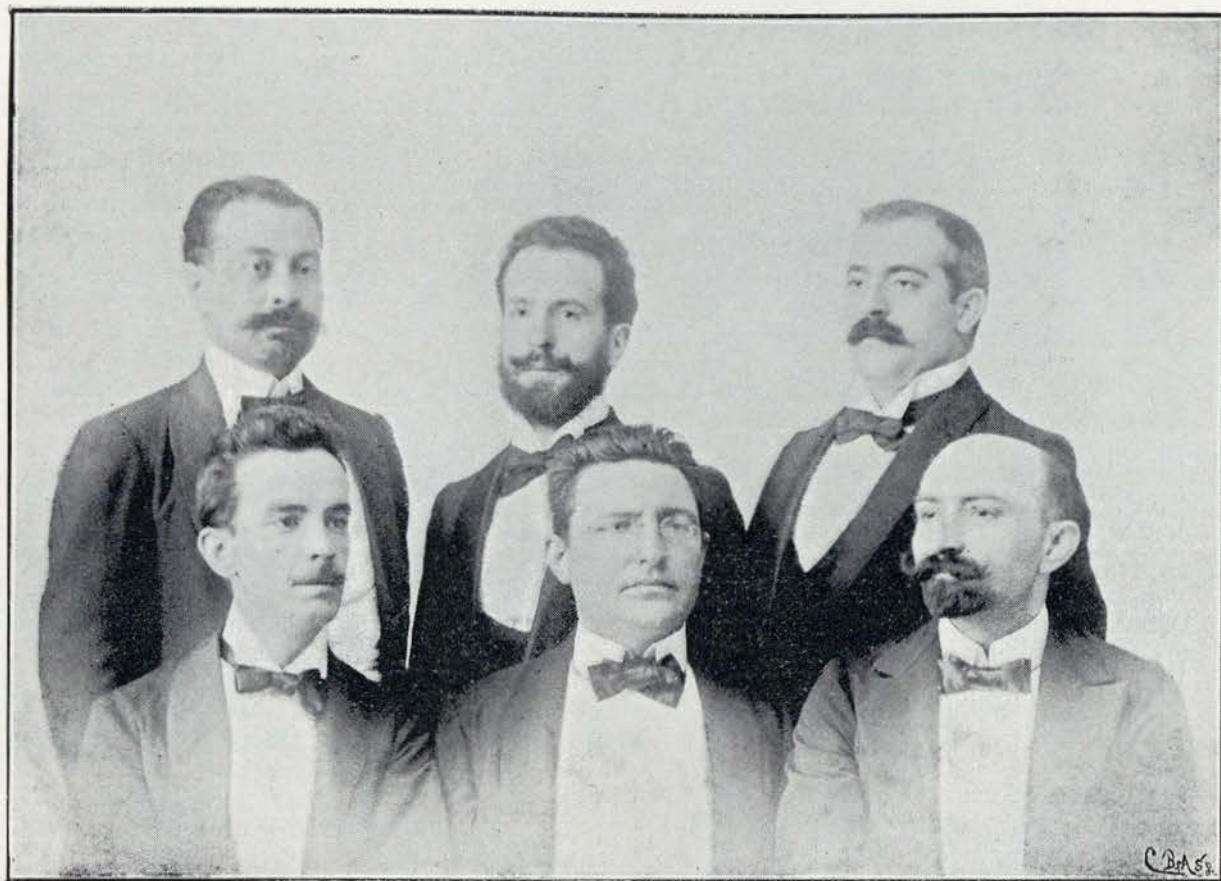
Projecta-se para 21 d'este mez, em Cascaes, uma festa musical do mais alto interesse, em beneficio do simpathico sextetto; recommendamol-a calorosamente aos admiradores dos distinctos artistas hespanhoes.

*

Já está publicado nos jornaes diarios e é portanto inutil reproduzil-o aqui, o programma do concerto de ámanhã, no theatro Gil Vicente, em Cascaes.

O eximio violoncellista Rubio tocará um andamento do *Concerto* de Davidoff e, com Rey Colaço, a *Sonata em re* de Rubinstein. Haverá tambem solos de piano, de canto e de harpa pelos notaveis concertistas Rey Colaço, Mad.^{me} Sarti e Mad.^{elle} Luisello.

No Porto projecta o *Quartetto Moreira de Sá* tres interessantes sessões antes da ida da sua violoncellista para a Allemanha. Estão fixados os dias 20 e 27 d'este mez e 3 de Novembro, devendo executar-se seis *Quartetos* de Beethoven (N.^{os} 6 a 11) e algumas composições importantes com piano.

SEXTETTO DA FIGUEIRA DA FOZ

MORAES PALMEIRO
JOSÉ BONET

JULIO FRANCÉS
FILIPPE DA SILVA

MANOEL ALVAREZ
MAGALHÃES

Esperamos que não seja tomada á conta de exaggero a homenagem de uma pagina em favor da brilhante phalange de musicos portuguezes e hespanhoes que tem trabalhado tão ardentemente pela boa Arte, durante a sua permanencia na formosa e concorrida estancia balnear da Figueira da Foz.

Não costumamos desperdiçar o incenso inutilmente e antes de agitar o thuribulo do elogio temos por habito pensar e estudar o objecto d'elle, para evitar compromissos e inuteis arrependimentos e mesmo para impedir o justo protesto d'aquelles que teem sido menos favorecidos pela nossa modesta critica.

Para os artistas estrangeiros, podemos então dizer que de poucas concessões nos accusa a consciencia e queremos suppôr que é a essa quasi inalteravel franqueza que devemos a boa fortuna de nos lerem e o favor sempre crescente com que tem sido felizmente protecçionada a nossa folha

No caso do *Sextetto da Figueira da Foz*, se não fossem as informações fidedignas e

insuspeitas que recebemos do nosso correspondente n'aquella cidade e o testemunho auctorizado de alguns dos nossos melhores artistas, que tem visitado ultimamente a Figueira, bastaria a analyse dos programmas de *Musica de Camara* que ali se tem apresentado, para ajuizar da orientaço e da serieidade com que os corajosos concertistas teem organizado as suas audições e para justificar portanto os nossos incondicionaes louvores.

Brevemente, porém, vae o publico de Lisboa ter occasião de os apreciar *de auditu*, não só na sessão que se vae verificar em 3 do proximo Novembro no *Salão Lambertini*, conforme em outro logar annunciamos, mas ainda em um magnifico concerto de *Musica de Camara* que se dará no Conservatorio em 5 do mesmo mez e cujo programma attrahirá com certeza ali todos os que em Lisboa se interessam pela grande Arte e que não costumam perder occasiões d'estas para applaudir os seus mais illustres cultores.

Damos em seguida o detalhe d'este attra-hente programma :

SALÃO DO CONSERVATORIO

Terça feira, 5 de Novembro de 1901

(ÁS 9 HORAS DA NOUTE)

Quartetto (d'après le *Quintette*
op. 16) BEETHOVEN
para piano, violino, violeta e violoncello
pelos Sr.^s Bonet, Francés, Alvarez e Palmeiro

- a) Grave. Allegro, ma non troppo
- b) Andante cantabile
- c) Rondo. Allegro, ma non troppo

Concerto, op. 64 MENDELSSOHN
para violino pelo Sr. Julio Francés

- a) Allegro molto appassionato
- b) Andante
- c) Allegretto. Allegro molto vivace

Quintetto, op. 44 SCHUMANN
para piano, dois violinos, violeta e violoncello
pelos Sr.^s Bonet, Francés, Magalhães, Alvarez e Palmeiro

- a) Allegro brillante
- b) In modo d'uma Marcia
- c) Scherzo
- d) Allegro ma non troppo

Os bilhetes para esta extraordinaria festa musical, estarão dentro em poucos dias á venda nos principaes estabelecimentos de musica; a marcação dos logares far-se ha na nossa redacção.



Audições musicas da CASA LAMBERTINI

Vae começar e brilhantemente a serie de concertos que se preparam para este inverno no vasto salão da Praça dos Restauradores, séde da casa Lambertini e da redacção do nosso jornal.

Conta-se para o effeito com muitos dos nossos melhores artistas e amadores, que todos gentilmente se prestam a collaborar n'este bello trabalho de vulgarisação musical. Os artistas estrangeiros, de valor reconhecido, que estão de passagem no nosso paiz, concorrerão igualmente para dar a estas reuniões o cunho essencialmente artistico que o proprietario do salão e director d'esta folha lhe tem querido imprimir.

Assim para a abertura da *saison*, em 30 d'este mez, está já preparado um admiravel concerto, em que tomarão parte os artistas hespanhoes, srs. Francisco Benetó, Hermilio Martinez, Eduardo Escobar, Manoel Calvo, Luiz Gracia e Pedro Casanovas. O pro-

gramma, que só por si constitue um verdadeiro regalo artistico, vae descripto na ultima pagina do presente numero.

Seguir-se ha outra audição, não menos interessante, pelo magnifico Sextetto da Figueira da Foz, de que fazem parte os srs. Julio Francés, José Magalhães, Manoel Alvarez, Augusto de Moraes Palmeiro, Filippe da Silva e José Bonet.

Estes notaveis artistas, cujos triumphos na Figueira da Foz temos aqui relatado, apresentar-se hão no *Salão Lambertini* no domingo, 3 de novembro, em audição especialmente offerecida á Imprensa jornalística e com um programma que vae igualmente despertar o mais vivo interesse e enthusiasmo entre os amadores da divina arte da musica.

Os diversos numeros que o compõem tambem são pormenorizados no fim d'este numero.

Mais uma vez diremos, para evitar mal entendidos, que as *Audições musicas* da casa Lambertini são inteiramente gratuitas e offerecidas aos nossos estimaveis collegas da imprensa, aos clientes da casa, aos assignantes do jornal e a todos os nossos amigos, a quem pedimos desculpa de não mandarmos convites especiaes, mas que se devem considerar gostosamente convidados pelos simples annuncios que costumamos mandar publicar.



Do paiz

É com o maior jubilo que noticiámos ter-se obtido o subsidio do governo para que a eximia violoncellista, D. Guilhermina Suggia, possa aperfeiçoar e completar a sua educação no estrangeiro.

O auxilio official tão generosamente concedido a uma artista portugueza, é d'estes factos que devem regosijar todo o bom patriota e que devem registrar-se em letras de ouro nos pobres annaes da nossa musica.

Se é certo, como queremos acreditar, que a poucos se póde distribuir esse favor governamental, não é menos certo que a joven Suggia, na camada dos nossos *novos*, é uma das que melhor merece essa alta consagração e esse inegalavel estimulo. Todos os que a viram e ouviram uma vez, nos darão razão.

Assim não hesitamos em considerar este decreto como uma gloria para o nosso governo e especialmente para a Direcção Geral d'Instrucção Publica, d'onde emanou tão importante resolução.

A talentosa artista portugueza partirá no fim d'este mez para Leipzig, onde se propõe a receber lições do grande violoncellista Julius Klengel, uma das maiores notabilidades contemporaneas.

Consta-nos mais que o *Orpheon Portuense*, que, em materia d'arte, está sempre na vanguarda de todas as boas iniciativas, projecta realisar uma festa, para despedida da joven pensionada e para, com o respectivo producto, auxiliar a transferencia de D. Guilhermina Suggia e de seu pae para a grande cidade alleman. Honra lhe seja.

Sabemos que na *Schola Cantorum*, de Paris, um dos centros musicaes mais importantes da capital franceza, foi offerecida ao distinctissimo artista e nosso illustre collaborador, Francisco de Lacerda, a regencia de uma classe de orchestra e de uma aula preparatoria de órgão.

Como se pôde suppôr, tambem nos dá grande alegria esta noticia, e deve dal-a egualmente a todo o portuguez que sinta pela arte nacional mais alguma cousa do que a habitual indifferença.

Quem os nossos filhos beija...

E como estamos em maré de noticias alegres, registramos com intima satisfação o completo restabelecimento de um doente querido, um dos nossos amadores mais entusiastas, *double* de diamantino e purissimo character, o Marquez de Fronteira.

Como se sabe, estava o illustre titular de ha muito tempo acorrentado a uma pertinaz enfermidade, que chegou a inspirar sérios receios aos seus muitos amigos e aos admiradores do seu bello talento musical, que se podem contar pelo numero d'aquelles.

Felicitamol-o cordealmente.

Realisaram-se a 10, conforme annunciámos, os concursos para admissão ao curso superior de piano, no Conservatorio Real de Lisboa.

Eis o resultado:

Admittidas por unanimidade de votos: Amelia Laura Meda, Aida de Bivar Verol, Emma Sophia d'Almeida, Alice d'Oliveira Leite, Aldegundes Augusta Polycarpo Gonçalves, Julia Candida Paulo, Julia Salvação Barreto.

Por maioria de votos: Alda Teves da Costa, Amelia Borges Pinto, Ernestina A. de Andrade e Silva, Sylvia A. d'Almeida Aguiar, Hercilia Adelaide Xavier Guedes,

Maria Antonia Henriques e Sarah Ezequiel dos Santos.

As matriculas para admissão ás aulas do Conservatorio fecham em 23 do corrente mez.

No dia 28 começam os trabalhos escolares.

Do estrangeiro

Grande e bella provisão de artistas, mais ou menos celebres, tem feito para este inverno, a *Sociedade de Concertos de Madrid*.

Estão já escripturados os seguintes: para o corrente mez de Outubro, o grande pianista Raoul Pugno e o violinista belga Creeckboom, para Novembro o director d'orchestra Muck, para Janeiro outro não menos notavel, Zumpé, para Fevereiro Paderewski, para Março o grande Mottl e... assim por diante.

Em Dezembro do proximo anno deve ir dirigir os concertos d'orchestra d'aquella importante *Sociedade*, o celebre Hans Richter, hoje considerado, como Arthur Nikisch, um dos primeiros *kapellmeister* existentes.

Pensa tambem esta benemerita instituição em contractar Joachim e Kubelik.

Chama-se a isto um inverno cheio de grande musica!

A commissão que se formou em Hamburgo para fazer erigir um monumento á memoria de Brahms, confiou a execução d'elle, sem abrir concurso, ao escultor e pintor Max Klinger, que foi amigo pessoal de Brahms e em vida d'elle desenhou uma serie de gravuras muito apreciadas, inspirando-se em diversas melodias do grande compositor allemão.



BIBLIOGRAPHIA

Está-se a imprimir na Allemanha e deve ser recebida dentro em poucos dias pela nossa casa editora, uma lindissima valsa — *Arte Nova* — que vae fazer o *tour* de todos os salões, onde se dança.

É devida a suggestiva peça á fertil e brilhante penna de uma das nossas mais brilhantes amadoras, cujas composições são sempre anciosamente procuradas.

O frontespicio da *Arte Nova* foi confiado a um dos mais habéis desenhadores e chamará deveras a attenção.

Está portanto, por todos os motivos, des-

tinada a nova valsa a um dos melhores successos da proxima *season*.

*

Recebemos do sr. Alfredo Mantua e muito agradecemos um exemplar da sua ultima composição, a polka *Não sei*.

Fazemos votos para que tenha o mesmo exito do seu brilhante *Pas de quatre*, que conta já umas poucas de edições.

EXPEDIENTE

Ainda d'esta vez temos que fazer um consideravel augmento de paginas, para dar logar a original inadiavel.

Como todos os assumptos nos pareceram da mais alta importancia e actualidade, julgamos que nos será mais uma vez relevada a falta do fasciculo do *Diccionario*, que será distribuido com o proximo numero.

*

Acha-se esgotado o *Anuario musical* d'este anno e sentimos portanto não poder attender aos ultimos pedidos dos nossos estimaveis assignantes

AUDIÇÕES MUSICAES

6
Quarta feira, 30 de Outubro de 1901
(ÀS 3 HORAS)

Concerto pelos Ex.^{mos} Sr.^s:

D. Francisco Benetó, D. Hermilio Martinez, D. Eduardo Escobar, D. Manuel Calvo, D. Luiz Gracia e D. Pedro Casanovas.

Quartetto, op. 18, n.º 1. BEETHOVEN
para instrumentos de corda

- a) Allegro con brio
- b) Adagio
- c) Scherzo
- d) Allegro

Trio Serenata, op. 8.. BEETHOVEN
para instrumentos de corda

- a) Marcia
- b) Adagio
- c) Minuetto
- d) Adagio-Allegro molto
- e) Allegretto alla polacca
- f) Andante quasi allegretto
- g) Marcia

Sextettos
para piano e instrumentos de corda

- a) Minuetto..... SCHUBERT
- b) Reverie SCHUMANN
- c) Chanson MENDELSSOHN
- d) Marcha militar. SCHUBERT

AUDIÇÕES MUSICAES

7
Domingo, 3 de Novembro de 1901
(ÀS 3 HORAS)

Concerto pelos Ex.^{mos} Sr.^s:

D. Julio Francés, José Magalhães, D. Manuel Alvares, Augusto de Moraes Palmeiro, Felipe da Silva e D. José Bonet.

Quintette des truites. SCHUBERT
para piano e instrumentos de corda

- a) Allegro vivace
- b) Andante
- c) Scherzo
- d) Tema con variazioni
- e) Finale

Trio op. 1, Num.º 3.. BEETHOVEN
para piano e instrumentos de corda

- a) Allegro con brio
- b) Andante cantabile con variazioni
- c) Menuetto
- d) Finale Prestissimo

Sextettos
para piano e instrumentos de corda

- a) Phaeton, poème symphonique.... ST. SAENS
- b) Largo HAENDEL
- c) Minuetto GODARD
- d) Polonaise en dó. CHOPIN

DA CASA LAMBERTINI

DA CASA LAMBERTINI